

## **PRAZER E SOFRIMENTO NA POLÍCIA MILITAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Pleasure and suffering in military police: a literature review

Plaisir et souffrance dans la police militaire: revue de la littérature

Placer y sufrimiento en la policía militar: una revisión de la literatura

**Hanna Izabel Ferreira Marçal<sup>1</sup>** ©

Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil<sup>2</sup>

**Vanderléia de Lurdes Dal Castel Schlindwein<sup>3</sup>** ©

Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil

### **Resumo**

As transformações políticas e econômicas do estado brasileiro têm impactado diretamente nos investimentos na segurança pública do país. Situação que repercute negativamente na saúde do policial militar e favorece o sofrimento, expondo-o aos riscos físicos e psicossociais. Como objetivo o estudo buscou identificar nos artigos científicos brasileiros, publicados no período de 2008 a 2018, as implicações da organização e condições de trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos policiais militares e as repercussões à saúde física e mental. Utilizou-se as bases de dados: SciELO, Google Acadêmico, BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), Lilacs – BVS e Periódicos Capes. Foram analisados vinte e quatro estudos. Observou-se que apesar dos policiais militares serem a principal barreira contra a criminalidade, o embate com a violência não é o fator protagonista das vivências que ressoam negativamente na vida desses indivíduos, os autores apontam para um adoecimento ligado a atual precarização do trabalho na Polícia Militar. Os constrangimentos advêm das condições de trabalho e da sua organização real de trabalho. O relato sobre o prazer no trabalho apareceu em estudos realizados com coletivos de policiamento especializado, o que sinaliza que as condições de trabalho diferenciadas propiciam um trabalho com vivências de prazer e ressignificação do sofrimento.

**Palavras-chave:** Policial militar; Trabalho; Prazer-Sufrimento; Saúde do trabalhador.

### **Abstract**

The political and economic transformations of the Brazilian state have had a direct impact on investments in public security in the country. This situation negatively affects the health of the military police officer and favors suffering, exposing them to the physical and psychosocial risks arising from their profession. As objective, the article aimed to identify in Brazilian scientific articles published from 2008 to 2018 the implications of the organization and working conditions on the experiences of pleasure-suffering of military police and the repercussions on physical and mental health. The following databases were searched: SciELO, Google Scholar, BDTD (Digital Library of Theses and Dissertations), Lilacs - VHL and Periodical Capes, the Brazilian productions on the subject. Twenty-four studies were analyzed. It was observed that, although military police are the main barrier against crime, the confrontation with violence is not the protagonist factor of experiences that resonate negatively in the lives of these individuals, the authors point to a disease linked to the current precariousness of the work at the Military Police. The constraints come from working conditions and their actual work organization.

<sup>1</sup> hannamarcal@gmail.com

<sup>2</sup> Secretaria Municipal de Saúde de Rio Branco – AC Av. Brasil, n 0. 475 – 2 0 andar - Centro

<sup>3</sup> vdalcastel@gmail.com

The report about pleasure appeared in studies performed in specialized policing groups, which indicates that different working conditions provide a work with experiences of pleasure and resignification of suffering.

**Keywords:** Military Police, Work, Pleasure-Suffering, Occupational health.

---

### Résumé

Les changements politique et économique d'État brésilien ont impacté directement aux investissements de la sécurité publique du pays. La situation qui répercute négativement dans la santé de la police militaire et favorise la souffrance, les expose à des dangers physique et psychosociaux. L'objectif de l'étude était de détecter dans les articles scientifiques brésiliens, publiés dans la période de 2008 et 2018, les implications de l'organisation et conditions de travail dans les expériences du plaisir-souffrance des officiers de police et les répercussions à la santé physique et mental. Les bases de données suivantes ont été utilisées: SciELO, Google Scholar, BDTD (Bibliothèque Digital de Thèses et Dissertation), Lilacs – BVS et Périodiques Capes, les productions brésiliennes sur le sujet. Vingt-quatre études ont été analysées. Il a été observé que bien que la police militaire soit la principale barrière contre le crime, la confrontation avec la violence n'est pas le facteur principal des expériences qui résonnent de manière négative dans la vie de ces individus, les auteurs soulignent une maladie liée à la précarité du travail de la police militaire. Les contraintes proviennent des conditions de travail et de votre organisation du travail réelle. Le rapport sur le plaisir au travail est apparu dans des études menées avec des groupes de police spécialisés, ce qui indique que les différentes conditions de travail fournissent un travail avec des expériences de plaisir et de resignification de la souffrance.

**Mots clés:** Police Militaire, Travail, Plaisir-Souffrance, Santé du travailleur.

---

### Resumen

Las transformaciones políticas y económicas del estado brasileño ha impactado directamente las inversiones en la seguridad pública del país. Situación que repercute negativamente en la salud del policía militar y favorece el sufrimiento, exponiéndolos a los riesgos físicos y psico-sociales. El artículo tiene como objetivo identificar en los artículos científicos brasileños, publicados en el período de 2008 a 2018, las implicaciones de la organización y las condiciones de trabajo en la vivencias de placer y sufrimiento de los policías militares y las repercusiones en la salud física y mental. Se utilizaron las siguientes bases de datos: SciELO, Google Académico, BDTD (Biblioteca Digital de tesis y Disertaciones) Lilacs – BVS y Periódicos Capes, como producciones brasileñas sobre el tema. Fueron analizados veinticuatro estudios. Se observó que, a pesar de que los policías militares son la barrera principal contra el crimen, ataque a la violencia no es el fator protagónico de experiencias que resuenan negativamente en la vida de esos individuos, los autores apuntan para una enfermedad relacionada con la actual precariedad del trabajo en la Policía Militar. Los agobios que son resultados de las condiciones de trabajo y de su organización real de trabajo. El relato sobre el placer apareció en estudios realizados con grupos de vigilancia especializados, lo que indica que las condiciones de trabajo diferenciadas propician un trabajo con experiencias de placer y re-significación de sufrimiento.

**Palabras Clave:** Policía militar, Trabajo, Placer-Sufrimiento, Salud del trabajador.

---

### Introdução

O Brasil vem passando por constante intensificação da violência e da criminalidade, refletindo diretamente nas relações sociais. As infrações têm tomado proporções cada vez mais constantes e perversas, deixando a sociedade em estado de alerta. Diante desse cenário atenta-se para o trabalho exercido pelos policiais militares (PM), profissionais que se tornam a primeira barreira contra a violência e é utilizado pelo governo, estados e municípios brasileiros como uma ferramenta para manutenção da ordem pública.

As transformações políticas e econômicas trazem dificuldades para a classe policial e a falta de investimentos nos próprios profissionais representa um risco à saúde e à vida desses trabalhadores. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2018) demonstra que um policial (entre civil ou militar) foi assassinado por dia no ano de 2017. Já o último anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019 aponta que, em 2018 teve uma redução de 8% das mortes de policiais civis e militares em serviço, com relação a 2017, no entanto mais policiais foram vítimas de suicídio comparado a quantidade que morreu em decorrência de confrontos nas ruas. Foram 104 suicídios no país, o equivalente a dois policiais mortos a cada semana, situação que expõem a face da violência e letalidade da tarefa do policial na sociedade brasileira.

Os policiais enfrentam a criminalidade de perto e estão vivenciando as consequências das transformações contemporâneas, da falta de reestruturações no país e principalmente a falta de investimentos na segurança pública. É indiscutível que há necessidade urgente de reformas no âmbito da segurança pública, mudanças concretas que garantam maior segurança à população e melhores condições de trabalho aos PM, que diariamente estão expostos aos riscos físicos e psíquicos na realização de seu trabalho.

Alguns autores apontam que dentre os fatores que favorecem o sofrimento e o adoecimento na categoria dos PM, está a precarização do trabalho policial, a criminalidade que enfrentam no dia-a-dia não traz tantos danos quanto a falta de condições para exercer a sua função. Os estudos expõem os impactos das mudanças políticas e econômicas para a segurança pública, como: falta de investimento na Polícia Militar, a falta de reconhecimento do trabalho do policial por parte dos Estados e da sociedade, as condições precárias de trabalho, os baixos salários e o alto nível de estresse entre os trabalhadores (Amador, 2000; Basílio, 2009; Minayo, Assis, & Oliveira, 2011; Souza, Minayo, Silva, & Pires, 2012; Magalhães, 2015).

Para elencar os desafios vividos pelos profissionais da Polícia Militar, utilizou-se do aporte teórico da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), pelo fato de considerar importante a discussão sobre as intempéries do trabalho, atenuando o protagonismo das organizações do trabalho nas vivências dos trabalhadores, sejam elas positivas ou negativas. Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015), precursor desta teoria afirma que o prazer e o sofrimento são realidades nos contextos de trabalho e, cita que certas formas de gestão propiciam o sofrimento e conseqüentemente o adoecimento.

Para a abordagem da PdT, o sofrimento no trabalho surge quando as exigências das organizações ultrapassam o que foi prescrito como atribuições da função do trabalhador, ou

seja, quando o sujeito se depara com o real do trabalho<sup>4</sup> (Ferreira, 2013). Existe uma distância entre o que foi prescrito e o que a organização realmente exige, afinal, na prática, ocorrem os mais diversos imprevistos dos quais o trabalhador terá que dar conta. Ou seja, quando o sujeito se depara com o trabalho em sua totalidade, ele deve mobilizar uma sabedoria singular criativa, uma engenhosidade para lidar com aquilo que não estava previsto.

Já o prazer atua como um princípio mobilizador da dinâmica existente entre o trabalho e o trabalhador, é importante para manutenção da saúde mental e para a continuidade do trabalho. Entretanto, a busca pelo prazer e a tentativa de evitar o sofrimento é incessante, pelo fato de o trabalho agir como inibidor daquilo que o sujeito deseja, tolhendo a subjetividade e incitando as vivências de sofrimento.

Cada indivíduo é detentor de estratégias de defesas individuais que ajudam na continuidade do trabalhar e dependem da construção histórica social de cada sujeito, sendo assim, um trabalho pode ser mais adoecedor para uns do que para outros. Ressalta-se que quando os indivíduos formam um coletivo e podem compartilhar suas defesas, torna-se mais fácil a mobilização contra os constrangimentos no trabalho.

Compreende-se que prazer e o sofrimento são indissociáveis, de modo que mesmo que as vivências de prazer se façam presentes, o sofrimento poderá aparecer quando as estratégias de defesa tiverem sido esgotadas. Ressalta-se que cada indivíduo lida com as situações de forma singular, os sentimentos e a capacidade de mobilizar-se contra as adversidades do trabalho resultam de uma combinação das experiências vividas pelo sujeito (subjetividade) somado com a dinâmica da organização do trabalho (Mendes & Muller, 2013).

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo identificar nos artigos científicos brasileiros, publicados no período de 2008 a 2018, as implicações da organização e condições de trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos policiais militares e as repercussões à saúde física e mental.

## **Método**

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, no qual foi realizada uma revisão de literatura com intuito de mapear e sintetizar estudos que revelam as implicações da organização do trabalho nas vivências de prazer e/ou sofrimento dos policiais militares e as repercussões à

---

<sup>4</sup> Traduz-se pela situação vivida, o encontro com o inesperado que exige investimento da subjetividade, da inteligência prática sobre a realidade enfrentada.

saúde. A Revisão Bibliográfica também denominada de Revisão de literatura evidencia a totalidade de contribuições científicas de autores sobre um tema específico (Santos & Candeloro, 2006).

A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Lilacs - BVS e Periódicos Capes, por meio dos descritores: polícia militar e policial militar combinados com operador booleano AND das seguintes palavras: prazer; sofrimento; saúde mental; trabalho. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: estudos brasileiros publicados entre 2008 a 2018; podendo ser de caráter qualitativo e/ou quantitativo; com foco principal nas vivências de prazer-sofrimento no trabalho e as ressonâncias na saúde dos PM. Como critérios de exclusão: artigos de revisão; estudos que não fazem articulação específica com os policiais militares e/ou não abordam a temática das vivências subjetivas no trabalho desses sujeitos. Foram identificados no total 64 estudos, que passaram pela leitura dos títulos e resumos e assim foram selecionados 24 estudos que atenderam todos os critérios para inclusão neste estudo.

Como método de análise optou-se pela leitura dos resumos, métodos e resultados. Os achados foram sintetizados por grupos temáticos, isto é, seguindo a Análise de Conteúdo, “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento” (Bardin, 2011, p. 117), ou seja, isolam-se os elementos e os subdividindo procurando impor certa organização de sentido entre as categorias mais elencadas, sendo estas: Ano de publicação; A formação do policial militar; A organização do trabalho e o prazer e sofrimento dos policiais; Ressonâncias do trabalho da polícia militar à saúde física e mental; A relação entre o estresse e a profissão do policial militar.

## **Resultados e Discussão**

Como resultados observou-se que a maior quantidade de estudos publicados que abordam temáticas relacionadas aos PM, se deu nos anos de 2014 e 2015, onde os índices de violência no Brasil, apesar de obter uma redução de 2,5%, ainda eram assustadores e a situação da segurança pública estava se agravando (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017).

A tabela 1 sistematiza o resultado do levantamento bibliográfico acerca dos estudos sobre a temática, em ordem decrescente em relação ao ano de publicação.

**Tabela 01:** Síntese dos estudos publicados sobre a polícia militar no período de 2008 a 2018.

AUTOR (ES)/ANO	DELINEAMENTO	RESULTADOS
<b>Bravo, Barbosa &amp; Calamita (2017)</b>	Estudo retrospectivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado com 285 policiais militares que trabalham na região de Marília (SP), e são atendidos na Unidade Integrada de Saúde (UIS) do 9º BPM/I.	Os traumas e problemas ortopédicos foram os que mais levaram os policiais a se afastarem de suas atividades laborais, correspondendo a um total de 154 dias de absenteísmo em um ano.
<b>Cunha (2017)</b>	Pesquisa-ação de natureza descritiva e qualitativa, realizado estudo de caso. Foram feitas sete sessões de escuta clínica para acessar o sofrimento de um policial afastado do trabalho.	Existe uma contradição entre o trabalho prescrito e o real do trabalho. A busca incessante pelo reconhecimento desencadeou sofrimento.
<b>Bravo, Barbosa &amp; Calamita (2016)</b>	Estudo quanti-qualitativo, retrospectivo e transversal. Coletaram dados a partir de 285 prontuários relativos ao ano de 2012 e de uma entrevista semiestruturada com policiais atendidos na Unidade Integrada de Saúde (UIS).	As maiores causas de absenteísmo foram por traumas e problemas ortopédicos. A atividade da Polícia Militar parece favorecer diretamente o sofrimento, o envelhecimento e propiciar o absenteísmo-doença.
<b>Coelho, Antloga, Maia &amp; Takaki (2016)</b>	Estudo de caso, correlacional e abordagem quantitativa. Utilizou o Inventário de Avaliação de Qualidade de Vida no Trabalho e a Escala de Autoeficácia Geral em 1027 policiais militares.	Os autores encontraram relação significativa entre a crença de autoeficácia e melhora na Qualidade de Vida no Trabalho.
<b>Ferreira (2016)</b>	Pesquisa qualitativa, realizada por meio de 13 entrevistas semiestruturadas analisadas sob a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977) e análise documental.	Os resultados indicam exigências psicofisiológicas que causam desconforto, constrangimentos e adoecimento nos policiais. Verificou-se também resistência, enfrentamento e ressignificação do sofrimento.
<b>Turte-Cavadinha (2016)</b>	Estudo qualitativo descritivo, que utilizou entrevistas individuais, com 24 policiais de Brasília/DF, que atuassem ou estivessem atuando no policiamento ostensivo.	A militarização molda a subjetividade dos policiais, e causa impedimentos para que estes indivíduos enfrentem as situações conflituosas e expressem as suas emoções.
<b>Lima, Blank &amp; Menegon (2015)</b>	Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo de corte transversal. Estimou a prevalência de Transtorno Mental e Comportamental (TMC) em Policiais Militares de Licença para	A análise verificou prevalência de TMC de 24% e fator de associação positiva de TMC e hierarquia. Os resultados demonstram alta prevalência de

	Tratamento de Saúde (LTS) em Florianópolis/SC.	licença para tratamento de saúde por TMC.
<b>Machado, Traesel &amp; Merlo (2015)</b>	Pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória. Os autores realizaram um grupo de escuta e discussão com 4 profissionais da brigada militar do Rio Grande do Sul, embasados teórico e metodologicamente na Psicodinâmica do Trabalho.	Rotina laboral intensa, alto nível de estresse, desgaste físico e emocional, além do sentimento de não ser reconhecido e valorizado pela comunidade e por seus superiores. Lidam com limites, pressões e decisões, mantendo-se em estado de alerta e tensão constantes.
<b>Lopes &amp; Leite (2015)</b>	Estudo de caráter exploratório e analítico, embasado na Psicologia Histórico-Cultural. Participaram da pesquisa sete policiais militares que apresentavam algum tipo de deficiência. Utilizaram entrevistas e relatos.	A exclusão do policial com deficiência de seu contexto de trabalho reforça a visão da deficiência enquanto sinônimo de ineficiência e invalidez.
<b>Magalhães (2015)</b>	Estudo qualitativo, realizado por meio de entrevistas, pesquisa documental e observação-participante do Curso de Formação e Habilitação de policiais do Espírito Santo.	A atividade do policial é marcada pela imprevisibilidade e pelos princípios da hierarquia e disciplina. Ser policial exige uma série de regras e modos de vida que traçam uma condição policial de ser.
<b>Fonseca, Oliveira-Silva &amp; Naves-Silva (2014)</b>	A partir da Psicodinâmica do Trabalho, a presente pesquisa utilizou o Protocolo de Avaliação dos Riscos Psicossociais no Trabalho – PROART em 552 Policiais Militares do Distrito Federal.	Os resultados indicaram deficiência relacionada à divisão das tarefas, os estilos de gestão são individualistas e normativos. Esgotamento mental apareceu como indicador de sofrimento patológico e os danos físicos constituem uma realidade.
<b>Liz, Silva, Arab, Viana, Brandt, Vasconcellos &amp; Andrade (2014)</b>	Trata-se de um estudo de caráter descritivo de campo, do tipo comparativo. Utilizou alguns questionários e uma escala com 86 policiais homens de um batalhão de Florianópolis.	As maiores médias de estresse percebido foram verificadas em policiais insuficientemente ativos, nos que possuíam até 35 anos de idade, nos que já passaram por algum evento traumático na carreira e nos que atuam na área operacional.
<b>Paulino &amp; Lourinho (2014)</b>	Estudo de abordagem qualitativa, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas com seis policiais do Ceará, observações e análise dos afastamentos por problemas psiquiátricos.	É revelado que além da existência de vários fatores, há associação com a falta de investimento em prevenção e promoção da saúde dos policiais militares.
<b>Cândido (2013)</b>	Foram utilizados quatro questionários numa amostra de 37 Policiais Militares, com o objetivo	Os resultados mostraram, que 40,54% dos respondentes apresentaram distúrbios

	de avaliar a saúde mental e a relação com a atividade laboral dos Policiais Militares que atuam na cidade de Palhoça – SC.	psiquiátricos menores, enquanto 97,06% apresentaram fenômenos incapacitantes ou angustiantes e 52,38% estão com sobrecarga de trabalho.
<b>Sales (2013)</b>	Foi realizado um estudo etnográfico sobre a trajetória de vida de três militares, com o objetivo de compreender como se estabelece a lógica explicativa sobre a atividade fim como parte do adoecimento do sujeito.	Parte do adoecimento deve-se a dois tipos de problemas constituintes de sua rotina de trabalho: os problemas que afetam diretamente o corpo do indivíduo e violências simbólicas que incidem diretamente na mente.
<b>Couto, Brito, Vasconcelos-Silva &amp; Lucchese (2012)</b>	Estudo quantitativo, com um grupo de 325 policiais, alunos dos cursos de Formação de Oficiais da Polícia Militar de um estado do Sudeste brasileiro. Instrumentos: Inventário de Sintomas de Estresse de Lipp (ISSL) e Checklist de Relações Interpessoais – Revisado (CLOIT-R).	Há sintomas de estresse em 55,9% da amostra, há também o efeito positivo do tempo de carreira na saúde dos policiais, primeiro pela redução dos sintomas de estresse e de características interpessoais negativas ao longo da carreira, e segundo pelo aumento correspondente entre as características interpessoais positivas e tempo de carreira.
<b>Couto, Vandenberghe &amp; Brito (2012)</b>	Estudo quantitativo, com intuito de verificar como as interações interpessoais se relacionam com o estresse e investigar uma evidência de validade para o Checklist de Relações Interpessoais II (CLOIT-II). Participaram 327 soldados.	Os resultados apontaram correlações positivas significativas entre estresse e posições interpessoais baseadas em hostilidade e ausência de correlação com posições interpessoais amigáveis.
<b>Muller (2012)</b>	Estudo qualitativo, com abordagem na Psicodinâmica do Trabalho. Realizado com aproximadamente 12 policiais do Pelotão de Operações Especiais (POE) do 25º Batalhão da Brigada Militar de São Leopoldo.	Conclui-se que o POE representa um espaço de trabalho que possibilita a vivência de prazer, devido: 1) às características da tarefa; 2) à gestão do trabalho; 3) às Condições de Trabalho; 4) às Relações de Trabalho.
<b>Souza, Minayo, Silva &amp; Pires (2012)</b>	Análise dos dados quantitativos de uma pesquisa de corte transversal, a qual buscou investigar os fatores associados ao sofrimento psíquico dos policiais militares do Rio de Janeiro.	Relação entre sofrimento psíquico e fatores como: capacidade de reagir a situações difíceis e grau de satisfação com a vida; problemas de saúde e condições adversas de trabalho, como carga excessiva, constante exposição ao estresse e à vitimização.

<b>Dantas, Brito, Rodrigues, &amp; Maciente (2010)</b>	Com objetivo de verificar o nível de estresse em policiais militares, foi utilizado o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) em trinta e oito policiais militares, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, em uma unidade do batalhão no sul de Minas Gerais.	Foi verificado que 45% apresentaram estresse em algum nível, com predominância da fase de resistência. Em relação ao gênero, constatou-se que policiais militares do sexo feminino apresentaram mais estresse, bem como aqueles que estão entre 25 e 42 anos.
<b>Oliveira &amp; Bardagi (2010)</b>	Estudo comparativo dos níveis de estresse e comprometimento na carreira de 75 policiais militares de Santa Maria (RS). Instrumentos: Questionário sociodemográfico; Escala de Comprometimento com a Carreira e um Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos.	57,3% dos participantes apresentaram sintomatologia de estresse, as mulheres em maior escala de severidade. Os resultados indicam que quanto maior o risco envolvido, menor é a segurança em relação à carreira.
<b>Oliveira &amp; Santos (2010)</b>	Estudo exploratório descritivo, utilizando uma escala com 30 questões, em um total de 24 policiais militares de dois Batalhões da Polícia Militar de São Paulo.	91,7% dos participantes sempre ou às vezes se percebiam estressados, 88,3% sempre ou às vezes se sentiam emocionalmente cansados após o dia de trabalho, 62,5% afirmaram que às vezes se percebiam agressivos no trabalho, 20,8% já pensaram em suicídio.
<b>Basílio (2009)</b>	Este estudo é exploratório e utilizou-se de pesquisa de campo, documental e bibliográfica. Foram realizadas 24 entrevistas semiestruturadas.	O estudo evidencia o processo de formação anacrônico do policial militar no Estado do Rio de Janeiro, no que tange à construção cognitiva necessária para este profissional que trabalha com alta complexidade.
<b>Silva &amp; Vieira (2008)</b>	Estudo de caráter exploratório-descritivo, baseado na Ergonomia da Atividade e na PdT. Coleta de dados: observação, análise documental e entrevistas individuais e coletivas com 19 PMs de João Pessoa/PB.	O policial militar está no centro de uma complexa constituição de forças advindas da organização do trabalho, da precarização do trabalho e, por fim, da sociedade contemporânea, favorecendo o seu sofrimento psíquico.

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2020).

Posterior a sistematização por ano de publicação, agrupou-se estes estudos em categorias das quais as temáticas se complementavam ao longo do estudo bibliográfico.

## A formação do policial militar

Para ser um (a) agente militar é necessário aprovação em concurso público de provas e títulos e também ser aprovado (a) no Curso de Formação para Praças PM. Este curso de formação tem em média duração de nove meses, e somente após aprovação neste curso os aspirantes a soldados podem ingressar de fato na Corporação da Polícia Militar Estadual.

O curso de formação se constitui na primeira etapa de socialização dos novos membros, sendo a sua finalidade a introdução dos conhecimentos, habilidades e técnicas necessárias para o exercício profissional. Basílio (2009) esclarece que a principal função da academia de polícia é a preparação do sujeito para interagir com o meio pelo qual foi recrutado a trabalhar, para lidar com os diversos conflitos sociais os quais irá se deparar. Devido à complexidade do trabalho policial, a capacitação adequada e específica, antes da prática propriamente dita, torna-se de fundamental importância, porém, de acordo com o autor, o curso de formação policial não tem cumprindo com seu objetivo.

De acordo com o relato de 24 policiais do Rio de Janeiro, Basílio (2009) concluiu que o processo de formação não capacita o profissional para interagir com o seu meio conforme se espera, há um desvio de finalidade no curso de formação, por vezes o aluno-soldado é solicitado a realizar tarefas que não englobam o processo de formação policial, como por exemplo serviços de limpeza, manutenção de equipamentos, pintura, dentre outras. É requisitado a ele realizar tarefas que preenchem a lacuna deixada pela falta de funcionários dentro da instituição.

Magalhães (2015) também escreveu sobre o início da trajetória desses profissionais, a autora adentrou na Corporação da Polícia Militar do Espírito Santo e fez observações acerca do curso de formação de alunos-soldados. Em seus resultados a autora concluiu que a atividade de trabalho dos PM é atravessada pelo inesperado, sendo a formação o meio pelo qual se pretende fechar a lacuna da imprevisibilidade, no entanto, vem servindo para ensinar o viver como policial, os fundamentos da condição de ser/estar PM, fomentando uma produção de formação e um padrão de comportamento característico de polícia.

As corporações militares têm uma cultura rigorosa, baseada na hierarquia e disciplina, sendo repassada ao longo dos anos sem reformulações significativas. De acordo com os achados de Basílio (2009, p. 24), o PM está sendo formado dentro de uma cultura militarizada, “[...] na qual o menor elemento dentro de sua hierarquia, deveria somente cumprir ordens”. Acerca das instituições engessadas, que não têm espaço para (re) criação, Dejours (1992) aponta que uma organização de trabalho rígida e imutável é mais temida do que as condições precárias de trabalho, visto esta última poder ser adaptada.

Magalhães (2015) alerta para os moldes rígidos das corporações militares e menciona a necessidade de espaço onde os PM possam se colocar livremente e contribuir com as suas vivências dentro da corporação. Basílio (2009) corrobora, enfatizando que o processo de formação do policial é obsoleto e não leva em consideração a construção cognitiva dos indivíduos que vão lidar com a complexidade de sua atividade na prática.

Além do desvio de finalidade do curso de formação e dos moldes rígidos da Polícia Militar, Basílio (2009) cita que não há investimento adequado na infraestrutura do curso de formação, falta munições para as instruções de tiro, os instrutores não são selecionados adequadamente, a transmissão de conhecimentos sobre direito penal, administrativo e constitucional é insuficiente, sem contar o treinamento precário de manuseio e utilização das armas, bem como a transmissão das técnicas de abordagem que os habilitam à prática na rua.

Por fim, o curso de formação é uma estratégia fundamental de transmissão de conhecimentos, normas, técnicas e dever desse campo de atuação, mas, vem servindo para enquadrar as relações dentro e fora da corporação, idealizando um perfil de identidade policial. Os policiais relatam que não se sentem preparados para lidar com os conflitos cotidianos exigidos na sua profissão, mesmo após o curso de formação (Basílio, 2009).

Estes estudos acima destacados reiteram que os PM estão entrando em prática sem uma base sólida de conhecimentos necessários à profissão e já no início de sua carreira passam a vivenciar contradições na sua organização do trabalho. Este processo cria uma distância entre o prescrito do trabalho, que são as atribuições e normas da organização e o real da atividade, que se traduz nos fatos e acontecimentos do dia-a-dia. Tem-se assim uma situação paradoxal para a profissão, enfrentar o despreparo para atuar na realidade e de outro lado assegurar a manutenção da segurança pública à sociedade.

### **A organização do trabalho e o prazer e sofrimento dos policiais**

A organização do trabalho para a Psicodinâmica do Trabalho pode se constituir em fonte de prazer e/ou sofrimento, na medida em que as relações e condições de trabalho sejam favoráveis ao prazer ou desencadeadoras de sofrimento/adoecimento. Considera-se que as vivências constrangedoras no trabalho podem ser acessadas por meio da escuta dos próprios trabalhadores, recurso que permite a fala e a reflexão sobre as experiências vividas no trabalho (Müller, 2012; Dejourns, Abdoucheli, & Jayet, 2015).

Nesta perspectiva, o estudo realizado por Ferreira (2016) com 13 policiais do Distrito Federal/DF da reserva remunerada, destaca que os elementos organizacionais e a própria

natureza do trabalho policial somado às histórias individuais dos sujeitos impõem pressões que geram fortes impactos na vida desses profissionais. A exposição aos riscos de morte e a falta de reconhecimento social podem causar desequilíbrio psíquico e impactar na subjetividade do policial. O autor acredita que a ineficácia das estratégias de enfrentamento dá lugar ao sofrimento patológico, manifestando-se em forma de doença física e psíquica.

Já Silva e Vieira (2008) identificaram como a organização da Polícia Militar se estrutura e a relacionaram com a saúde mental dos trabalhadores à luz da PdT. A precarização das condições de trabalho é apontada pelos trabalhadores como um fator de insatisfação: armas obsoletas, “[...] *nossas armas estão bem mais atrasadas que as dos bandidos que vêm de fora [...]*” (Silva & Vieira, 2008, p. 166, grifo original), viaturas insuficientes e sem reparo, falta de reconhecimento, salários baixos. Além das repercussões da hierarquia verticalizada, onde uns pensam e outros exclusivamente executam, fomentando uma relação de poder.

Alguns relatos convocam o leitor a refletir sobre a produção de sentidos quanto à condição de sujeito desses profissionais, “*Por trás desta farda existe um ser humano [...]*” (Silva & Vieira, 2008, p. 165, grifo original). Nesse sentido, os autores apontam para alguns aspectos envolvidos na relação entre atividade policial e saúde mental, com possíveis desdobramentos em alcoolismo, depressão e até mesmo no suicídio.

No estudo de Cunha (2017) com um policial militar afastado do trabalho, realizou sete sessões de escuta clínica e concluiu que existe uma contradição entre o trabalho prescrito e o real do trabalho, sendo que a busca incessante pelo reconhecimento gerou um estado de desamparo levando à frustração, angústia e fobia. O sujeito utilizou o álcool como subterfúgio para suportar as vivências de sofrimento desencadeadas no decorrer de sua trajetória, atravessadas pelos conflitos profissionais e pessoais.

Já outra pesquisa Fonseca, Oliveira-Silva e Naves-Silva (2014) utilizaram um instrumento idealizado por Facas (2013), o Protocolo de Avaliação dos Riscos Psicossociais no Trabalho (PROART) para saber quais dimensões constituem fatores de riscos psicossociais no trabalho do PM do Distrito Federal. Os resultados do protocolo indicam a deficiência relacionada à divisão das tarefas, os estilos de gestão individualistas e normativos, o esgotamento mental apareceu como indicador de sofrimento patogênico e os danos físicos consistem em um dano significativo na realidade de trabalho dos sujeitos participantes.

Na investigação de Machado, Traesel e Merlo (2015), os pesquisadores realizaram um grupo de escuta e discussão para investigar as vivências coletivas e os impactos destas na saúde e subjetividade dos PM do Pelotão de Operações Especiais (POE) de um município do Rio Grande do Sul. Os autores constaram que estes profissionais possuem uma rotina intensa, alto

nível de estresse, desgaste físico, psíquico, além da falta de reconhecimento pela sociedade e seus superiores. Mas, os autores enfatizaram as vivências de prazer como servir à população, ser útil, cumprir o que foi solicitado. O prazer advindo do dever cumprido aplaca o sofrimento vivenciado diante dos riscos e da pressão.

Na análise de Müller (2012) com 12 policiais do Pelotão de Operações Especiais (POE) do 25º Batalhão da Brigada Militar de São Leopoldo, que atuam com demandas especiais, com foco no tráfico de drogas e no crime organizado, observou que os PMs apresentam vivências de prazer dentro da sua organização de trabalho. As experiências de prazer eram constituídas por momentos de formação e atuação coletiva, como: treinamento contínuo, atuação em grupo (diminuindo a vulnerabilidade a imprevistos), a possibilidade de um encontro semanal para discussões das operações (espaço de escuta coletiva) e outros fatores que contribuem para as vivências de prazer dentro dessa configuração de trabalho. O pelotão conta com maior apoio institucional, melhores equipamentos e quantitativo de pessoal suficiente para o trabalho coletivo, diferenciando-se dos policiais da radiopatrulha.

O estudo conclui que entre as principais diferenças entre os policiais do POE e da Rádio Patrulha (RP) são: pouco tempo de treinamento, falta de policiais efetivos para trabalho coletivo, falta de aprimoramento das técnicas de abordagem e a falta de atenção no que diz respeito aos fatores psicológicos dos policiais.

Vários fatores adversos da organização da Polícia Militar não contribuem para o enfrentamento dos paradoxos no trabalho do policial, como: condições precárias de trabalho, relações interpessoais conflituosas entre superiores e subordinados, falta de valorização profissional, progressão de carreira e, ainda, falta de reconhecimento por parte da sociedade. Estas problemáticas não são sanadas e nem amenizadas por palestras motivacionais ou pela crença dos trabalhadores em suas altas capacidades profissionais (Coelho, *et al.*, 2016).

Portanto, pode-se perceber que existe uma relação direta entre as condições de trabalho e as vivências individuais e coletivas dos trabalhadores. Quando submetidos às condições precárias, maiores as chances de sofrimento/adoecimento, em contrapartida, quando as condições dadas pela organização do trabalho são “especiais”, o sentimento de prazer se faz mais presente.

### **Ressonâncias do trabalho da polícia militar à saúde física e mental**

Ao analisar a definição de saúde da Organização Mundial de Saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social [...]” (OMS, 2006), compreende-se que é

necessário um equilíbrio perfeito entre todos os fatores constituintes da vida de um ser humano, algo que dificilmente possa ser alcançado. Dejours, Dessors e Desriaux (1993) defende que saúde não é um estado ou algo que se tenha ou não, mas sim aquilo que almejamos e devemos conquistar, deve-se ter liberdade para buscar tudo aquilo que proporciona o bem-estar, ou seja, é o ideal e não uma realidade. O trabalho é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos, e está presente em grande parte da vida dos indivíduos, porém, o próprio trabalho traz instabilidade ao bem-estar do ser humano, pode provocar desconforto e sofrimento.

O trabalho é um dos responsáveis pela construção da identidade, estruturação das funções psíquicas, das relações sociais, além da subsistência e qualidade de vida dos indivíduos. Porém, o trabalhar é desafiador e está em constante transformação, pode ser fonte de prazer e ao mesmo tempo de sofrimento, ressoando na saúde dos indivíduos (Dejours, Abdoucheli, & Jayet, 2015). Então, não há como pensar em saúde, sem pensar nas questões que emanam das relações de trabalho, sendo o completo bem-estar físico e psíquico uma busca incessante dos sujeitos, principalmente quando se fala sobre o mundo do trabalho.

Diante disso, observa-se a importância dos estudos que versam sobre a saúde dos profissionais da Polícia Militar, atividade na qual o risco físico e psicológico é elemento estruturante da própria profissão. São grandes as exigências sobre o porte físico dos policiais, eles precisam ter condicionamento adequado para encarar as demandas do dia-a-dia, ter um perfil psicológico quase imune ao estresse cotidiano, às pressões da sociedade e do Estado e, coragem para enfrentar a criminalidade sem a mínima condição de trabalho.

Turte-Cavadinha (2016) menciona que os PM estão à margem das discussões sobre a Saúde do Trabalhador e conseqüentemente das ações de melhorias, pelo fato de estarem em uma condição diferenciada. De acordo com o Decreto-Lei Nº 09-A, de 09 de março de 1982, Art. 3º do Estatuto dos Policiais Militares da Polícia Militar do Estado de Rondônia, “Os membros da Polícia Militar, em razão de sua destinação constitucional, natureza e organização, formam uma categoria especial de servidores públicos denominados policiais-militares” (p. 2). Nessa condição, seus deveres são ampliados e seus direitos diferenciados dos civis.

Com condições diferenciadas, os PM possuem uma responsabilidade muito grande que têm afetado diretamente a sua saúde psíquica, Souza *et al.* (2012) publicaram uma pesquisa a respeito da investigação dos fatores associados ao sofrimento psíquico dos PM do Rio de Janeiro. Os autores analisaram dados de uma pesquisa de corte transversal, cujo objetivo era estudar a qualidade de vida e as condições de saúde de trabalho dos PM do Rio de Janeiro.

A capacidade de reagir a situações difíceis, o grau de satisfação com a vida, o comprometimento das condições de saúde física e mental, o trabalho, horário, estresse e a

vitimização<sup>5</sup> são alguns fatores observados no estudo que influenciam no desencadeamento de sofrimento psíquico entre os PM. O constante risco pelo qual os policiais estão expostos geram tensões e podem resultar em prejuízos à sua saúde física e psíquica. A insatisfação com vários aspectos da vida, incluindo o trabalho, aumenta a possibilidade de sofrimento psíquico dessa categoria.

Já Sales (2013) citou dois tipos de problemas constituintes da profissão do policial militar: o primeiro diz respeito aos fatores que afetam diretamente o físico do indivíduo, como: as condições insalubres, a falta de equipamentos de segurança (armas, coletes, munições), as escalas exaustivas, de prontidão no sol, dentre outros. O segundo está ligado diretamente às “[...] violências simbólicas que incidem diretamente na mente do indivíduo, provocando uma dor invisível capaz de gerar sofrimentos, como o assédio moral, humilhação, abuso de autoridade e as punições veladas [...]” (p. 5), sendo estas as mais recorrentes nas narrativas dos sujeitos.

Com relação ao tema saúde mental e trabalho, mais especificamente, Lima, Blank e Menegon (2015) constataram que 24% dos PM da região metropolitana de Florianópolis que estavam em licença para tratamento no ano de 2012 possuíam algum tipo de Transtorno Mental e Comportamental (TMC), havendo uma correlação positiva entre o TMC e o posto hierárquico. Quanto mais alta a patente, maior é a autoridade e responsabilidade, conseqüentemente, maior a exigência e pressão exercidas diante daquele profissional, conseqüentemente maiores são os impactos em sua saúde.

Paulino e Lourinho (2014) corroboram os fatores de risco citados acima e citam que é significativamente grande o número de policiais que são afastados de suas atividades laborais acometidos por patologias, sendo os transtornos mentais os mais comuns. Os afastamentos acarretam prejuízo para o policial, para o Estado e para a população.

Cândido (2013) realizou uma pesquisa a fim de avaliar a saúde mental dos PM de Palhoça – SC e investigar se haveria relação entre a saúde mental e a atividade laboral desses profissionais, já que de acordo com os dados da Junta Médica da Corporação da Polícia Militar de Santa Catarina, 35% das licenças para tratamento de saúde são provenientes de algum tipo de transtorno mental. A autora aplicou quatro questionários em 37 PM e os resultados demonstraram que 40,54% dos participantes apresentaram distúrbios psiquiátricos menores, 97,06% apresentaram fenômenos incapacitantes ou angustiantes e 52,38% estavam com

---

<sup>5</sup> A vitimização acontece quando o policial passa por confronto com meliantes, havendo troca de tiros ou até mesmo alguma morte no local.

sobrecarga de trabalho. Apesar de contemplar uma amostra consideravelmente pequena, pode-se concluir que os resultados são bastante preocupantes, pois a maioria dos PM que fazem parte desta pesquisa encontra-se com transtornos decorrentes do estresse e da pressão causada pelo risco diário a integridade física e mental aos quais os policiais estão expostos.

De acordo com Matheus e Silva (2014), os meios de comunicação e a segurança pública brasileira construíram uma retórica do policial herói, aquele que junto com seus companheiros do *Front*, vestem suas fardas e vão ao encontro do perigo para defender e proteger em nome da lei. Para Ribeiro (2019) o mito do policial herói prejudica a criação de uma cultura de acompanhamento da saúde mental dos policiais, visto que as suas corporações os veem como imunes aos problemas e às condições estressantes da atividade, contribuindo à invisibilidade da problemática. E, quando pedem ajuda ou afastam-se por motivos de adoecimento são vistos como moles, frescos e fracos.

Mesmo nos casos de afastamentos dos policiais não há uma estratégia organizacional que possa identificar o aparecimento dos fatores de adoecimento, para que desde o início sejam tomadas medidas de combate ou controle, evitando que os profissionais sejam/estejam vulneráveis aos fatores que geram adoecimento, o estado não tem Psicólogos e Psiquiatras suficientes para cuidar da saúde mental dos policiais. Somente o investimento na Segurança Pública Brasileira pode buscar o desenvolvimento de programas de prevenção e promoção da qualidade de vida dos policiais (Paulino & Lourinho, 2014).

A pesquisa de Oliveira e Santos (2010) revelam a percepção dos próprios policiais da força tática e de rua sobre a sua saúde mental. Os resultados foram: 91,7% dos participantes sempre ou às vezes se percebiam estressados, 41,7% relataram já ter agido com impulsividade em alguma ocorrência, 88,3% sempre ou às vezes se sentiam emocionalmente cansados após o dia de trabalho, 62,5% afirmaram que às vezes se percebiam agressivos no trabalho, 20,8% já pensaram em suicídio e 8,3% nunca se sentiram realizados com a profissão.

O suicídio citado na pesquisa acima, pode vir a ser uma das consequências acarretadas pelos fatores de risco citados nestes estudos: alta tensão, estresse diário, estado de alerta constante, precariedade das condições de trabalho, falta de reconhecimento, dentre outros, geram um desgaste físico e mental muito grande no indivíduo. Porém, os poucos estudos ainda que mencionam os casos de suicídio na polícia são preocupantes e necessitam de maior atenção e visibilidade<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O Livro: Porque Policiais se Matam? Organizado por Dayse Miranda (2016) aprofunda essa discussão.

Contudo, entende-se o mal-estar dos policiais quando da análise e investigação qualitativa do trabalho executado nas ruas, situação comum em todo o mundo, especialmente no Brasil. Minayo, Assis e Oliveira (2011) escreveram um artigo de grande relevância, porém, esse estudo não consta no levantamento bibliográfico por fugir dos critérios de inclusão estabelecidos. Os autores realizaram um estudo com policiais civis e militares e destacam que uma das dificuldades nas investigações dar-se-á pelas restrições ao acesso a informações por parte das corporações e pelo receio dos policiais de serem prejudicados quando informam sobre si próprios como profissionais da segurança pública.

Para Rodrigues, Oliveira e Silva (2015) a sobrecarga de trabalho do policial gera falta de tempo, indisposição, má alimentação e grau de sedentarismo elevado. Mesmo com a exigência de um bom condicionamento físico os autores identificaram a falta de interesse pela prática de exercícios físicos. E pontuam que a carga horária excessiva, o relacionamento com os superiores hierárquicos e a falta de efetivos, apresentam associação com o estresse.

Bravo, Barbosa e Calamita (2016), identificaram que em 2012 as maiores causas de absenteísmo nos PM do interior de São Paulo foram por motivos de traumas e problemas ortopédicos, os autores constataram também, nas entrevistas, inúmeras queixas relacionadas ao estresse. Que estão diretamente relacionadas com as poucas condições de trabalho, os autores trazem ainda uma discussão sobre a relação entre as causas do absenteísmo e o envelhecimento funcional.

Os mesmos autores publicaram um artigo em 2017 sobre a distribuição do número de dias de absenteísmo por motivos de saúde. Analisaram 285 prontuários referentes aos mesmos sujeitos e período do estudo anterior. De acordo com os prontuários, 70,52% dos PM atendidos eram policiais combatentes, aqueles da atividade-fim na rua, e estavam em uma faixa de 11 a 20 anos de serviço. Predominaram os absenteísmos por motivos relacionados a traumas e problemas ortopédicos, correspondendo a um total de 154 dias de falta em um período de 12 meses, além de 124 dias por outros motivos, totalizando 278 dias (Bravo, Barbosa, & Calamita, 2017).

Lopes e Leite (2015) ao realizarem uma pesquisa com sete policiais acometidos por alguma deficiência adquirida no trabalho, perceberam que a exclusão do policial com deficiência reforça o estereótipo da deficiência como sinônimo de ineficiência e invalidez. A falta de abertura para permanência na corporação perpetua esse sentido e significados na vida dos PM com deficiência. Dos sete sujeitos, cinco adquiriram sua deficiência em decorrência da sua profissão, então percebe-se que há uma linha tênue entre atividade e inatividade no caso

dos PM, sendo reforçada a discrepância entre valorização e desvalorização pessoal e profissional.

Verifica-se nos estudos que tratam dessa temática que os fatores que causam o adoecimento dos PMs, independentemente do período e lugar, são comuns a esse tipo de organização do trabalho, incitando a discussão sobre onexo causal entre atividade policial e a fragilização da saúde. Os constrangimentos e contradições que assolam a qualidade de vida e saúde dos PMs é uma problemática vivenciada nas Polícias Militares do país, e causa preocupações pois os profissionais da segurança são responsáveis pelo zelo das regras sociais.

### **A relação entre o estresse e a profissão do policial militar**

O PM lida com pressões e, às vezes rapidamente, tem de tomar decisões contra qualquer ameaça à vida, sua e a de outros. Pode-se dizer que vivem constantemente no limiar da fronteira entre a vida e a morte. Diariamente, esses fatores exigem que o sujeito invista toda a sua capacidade de agir, reagir, de adaptar-se ao meio, sendo o estresse uma reação presente nas reações vivenciadas por estes profissionais.

As produções sobre o estresse na profissão do policial são expressivas, cinco estudos relacionam a profissão do policial como uma atividade suscetível ao estresse. Em observância ao contexto socioeconômico, ao aumento da violência e as exigências advindas da corporação e da sociedade, verifica-se que é uma questão crescente e recorrente no âmbito da segurança pública.

Liz *et al.* (2014) comparou a percepção de estresse em policiais militares, considerando as características ocupacionais e sociodemográficas, e chegou ao resultado de que as maiores médias de estresse foram verificadas em policiais insuficientemente ativos (que não praticam atividade física), de até 35 anos de idade, e que já passaram por algum evento traumático na carreira. Com relação à área de atuação, concluiu que o estresse é maior naqueles que atuam na área operacional (na rua). Devido às noites mal dormidas, à exigência de preparo físico, à exposição ao risco de morte, tomada de decisões imediatas, dentre outros, os profissionais que atuam diretamente com a sua atividade-fim são mais propensos ao estresse.

Já Couto *et al.* (2012) investigaram a percepção de um grupo sobre as variáveis de estresse e características de relacionamento interpessoal, divididos pelo tempo de exercício profissional. A amostra foi composta por 325 policiais do curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar de um estado no sudeste brasileiro; os resultados demonstram que 55,9% dos respondentes apresentam sintomas de estresse. Um aspecto interessante deste estudo é que os

autores verificaram que os sintomas de estresse diminuem sistematicamente conforme maior tempo de carreira dos sujeitos. Este dado entra em contradição com outro estudo (Lima, Blank, & Menegon, 2015) o qual cita que, quanto maior o tempo de carreira policial, mais responsabilidades e propensão ao adoecimento, bem como ocorre a diminuição da vitalidade.

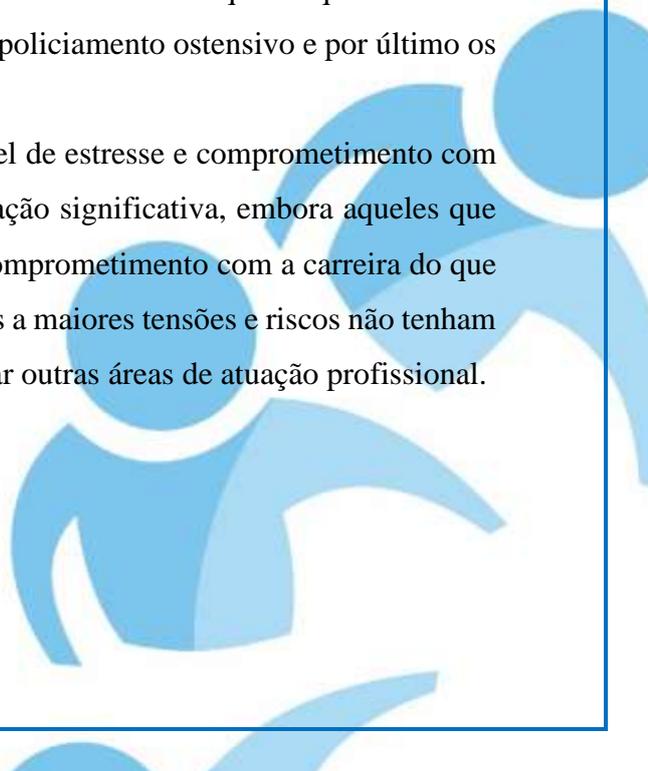
Outro fator determinante para o estresse na profissão do PM são as relações interpessoais. Num grupo com 327 policiais, Couto, Vandenberghe e Brito (2012) concluem que há correlações significativamente positivas entre estresse e posições interpessoais baseadas em hostilidade e ausência de correlação com posições interpessoais amigáveis.

Dantas *et al.* (2010) também fizeram uma pesquisa com a finalidade de verificar o nível de estresse com 38 PM, de ambos os sexos, que estavam em atividade, em uma unidade do batalhão no sul de Minas Gerais. Concluíram que 45% apresentaram estresse em algum nível, com relação ao gênero verificou-se que as policiais do sexo feminino apresentaram maiores índices de estresse. Quanto à função, observou-se que os policiais da área operacional apresentaram níveis de estresse mais elevados e maior propensão a este, corroborando os dados trazidos por Liz *et al.* (2014).

Ainda, Oliveira e Bardagi (2010) reafirmam que a atuação no policiamento ostensivo (operacional) é mais propensa a níveis mais elevados de estresse, afinal, trabalham cotidianamente enfrentando a violência, expondo sua própria vida e integridade física aos riscos provenientes de sua profissão.

As autoras compararam o nível de estresse e o comprometimento na carreira de policial militares em 75 PM, resultando em um achado de 57,3% de participantes com sintomas de estresse, sendo que a maioria era do sexo feminino. A distribuição por área de atuação, revelou que os profissionais que apresentaram maior nível de estresse foram aqueles que atuam no atendimento de emergências (190), em sequência os do policiamento ostensivo e por último os que trabalham na área administrativa.

Todavia, com relação à comparação sobre o nível de estresse e comprometimento com a carreira, as autoras concluíram que não houve correlação significativa, embora aqueles que trabalham na área administrativa apresentaram maior comprometimento com a carreira do que os demais. Considera-se que aqueles que são submetidos a maiores tensões e riscos não tenham tanta segurança perante sua carreira, podendo vislumbrar outras áreas de atuação profissional.



## Considerações finais

Compreende-se que o trabalho é constituinte da vida dos indivíduos, sendo uma das áreas responsáveis pelo bem-estar dos sujeitos. A partir da análise dos estudos apresentados, pode-se afirmar que há influência dos fatores que constituem a organização de trabalho nas vivências de prazer e/ou sofrimento dos profissionais da Polícia Militar, e conseqüentemente em sua saúde.

A Corporação da Polícia Militar é regida por dois princípios basilares: hierarquia e disciplina, e treina os indivíduos para seguir e respeitar a cultura e padrões impostos prioritariamente, ainda que tenham que subtrair sua subjetividade. A ineficácia dos cursos de formação policial é fator preocupante, pois obriga os indivíduos a lidarem com os riscos intrínsecos à profissão sem preparação adequada.

Apointa-se, inicialmente, para um dos fatores que suscita sofrimento dentro das instituições, que é a impossibilidade de criar e recriar no seu ambiente de trabalho. A falta de autonomia dentro do seu ofício de trabalho, que se traduz não só por aquilo que não se pode fazer, mas também pelo que deixou de fazer por medo, pode trazer danos à saúde do trabalhador (Lhuilier, 2011).

Em suma, os estudos analisados apontam para duas principais categorias que implicam em vivências de sofrimento dos PMs: a primeira são as características da **organização de trabalho**, com as pressões, a falta de reconhecimento da instituição e da sociedade, os moldes rígidos, a gestão verticalizada, o estresse, a falta de participação nas decisões, falta de investimentos em ações de promoção de saúde e nos profissionais; e a segunda está relacionada com as suas **condições de trabalho**: falta de treinamentos, armas obsoletas, recursos insuficientes, falta de viaturas, quantidade de pessoal reduzido, grande exposição aos riscos, salário baixo e alta carga horária.

São fatores que não só geram o sofrimento como fragilizam a saúde dos policiais impedindo-os de exercerem suas atividades com qualidade. Portanto, tais estudos reforçam a relação causal entre a atividade policial e danos à saúde física e mental desses trabalhadores.

Pode-se dizer que o sofrimento é inerente ao mundo do trabalho, pois é nele que se estabelece um conflito entre o desejo do trabalhador e as exigências da organização do trabalho. Todavia, três dos trabalhos analisados apontaram que mesmo diante dos constrangimentos, os PM têm espaço para vivenciar o prazer na sua profissão. Dois desses estudos foram realizados com um grupo específico, o Pelotão de Operações Especiais (POE) e conclui-se que o prazer vivenciado pelos seus integrantes está relacionado com as condições de trabalho diferenciadas

que possuem, ou seja, as condições de trabalho têm grandes implicações sobre o prazer, a saúde e a qualidade de vida no trabalho.

As reflexões acerca dos processos de trabalho e da saúde dos PM merecem atenção e medidas urgentes de transformação. Souza *et al.* (2012) pontuam que uma dessas medidas deve ser o desenvolvimento de espaços de escuta dos problemas cotidianos dos policiais e de momentos de grandes tensões, visando melhor desempenho técnico dos profissionais, bem como melhoria da sua qualidade de vida e de suas famílias. Igualmente, de maior investimento nos instrumentos de trabalho e nos próprios PMs.

Porém, sabe-se que as transformações necessárias no âmbito da segurança pública se configuram em uma problemática que vai muito além de uma reconfiguração na própria instituição, afinal a falta de apoio dos Estados acarreta em agravos não só para a saúde dos servidores da segurança pública, como interfere na qualidade de vida da sociedade como um todo, que vive atualmente em meio à insegurança.

Por conseguinte, ressalta-se a importância de pesquisas que busquem a compreensão dos atravessamentos dessa atividade incluindo os próprios trabalhadores, abrindo a possibilidade de reflexão dos sujeitos e ressignificação do sofrimento. As pesquisas são instrumentos importantes no respaldo de ações transformadoras em prol da instituição, do trabalhador e sobretudo da sociedade. É imprescindível que estudiosos continuem traçando caminhos de melhorias dos aspectos intrínsecos à organização e condições de trabalho dos PMs, mesmo que limitados em sua ação.



## REFERÊNCIAS

- Amador, F. S. (2000). Trabalho e saúde: considerações a respeito da categoria dos policiais militares. *O Alferes*, 15(52), 47-60. <https://revista.policiamilitar.mg.gov.br/index.php/alferes/issue/download/28/52>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Basílio, M. P. (2009). O desafio da formação do policial militar do estado do Rio de Janeiro: utopia ou realidade possível? *Gestão & Sociedade*, 2(3). <https://doi.org/10.21171/ges.v2i3.552>
- Brasil. Decreto-Lei Nº 09-A, de 09 de março de 1982. Estatuto dos policiais militares da polícia militar do estado de Rondônia. [http://www.cbm.ro.gov.br/anexos/menu-conteudo/%7B84243F0A-5730-41AA-955E-DAA88BEB30B3%7D\\_dl09a82estatuto.pdf](http://www.cbm.ro.gov.br/anexos/menu-conteudo/%7B84243F0A-5730-41AA-955E-DAA88BEB30B3%7D_dl09a82estatuto.pdf).
- Bravo, D. S., Barbosa, P. M. K. & Calamita, Z. C. (2017). Ausência por doença na carreira do policial militar. *Rev. enferm. UFPE on line*, 11 (7), 2758-2764. <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=32344&indexSearch=ID>
- Bravo, D. S., Barbosa, P. M. K. & Calamita, Z. C. (2016). Absenteísmo e envelhecimento no contexto ocupacional do policial militar. *Rev. Bras. Med. do trabalho*, 14(2), 134-142. <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1828>
- Cândido, P. E. F. (2013). *Trabalho e saúde mental em policiais militares de Palhoça (SC)*. [Dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122601>
- Coelho, E., Antloga, C., Maia, M. & Takaki, K. (2016). Autoeficácia e qualidade de vida no trabalho: um estudo com policiais militares. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(spe), pp. 1-7. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne220>
- Couto, G., Brito, E. A. G., Vasconcelos-Silva, A & Lucchese, R. (2012). Saúde mental do policial militar: Relações interpessoais e estresse no exercício profissional. *Psicologia Argumento*, 30(68), 185-194. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20507>
- Couto, G., Vandenberghe, L & Brito, E. A. G. (2012). Interações interpessoais e estresse entre policiais militares: um estudo correlacional. *Arquivos Bras. de psicologia*, 64(2). <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/758>
- Cunha, A. M. S. (2017) *Narrativas do sofrimento do trabalho de um policial militar afastado* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, TO, Brasil. <http://dx.doi.org/10.13037/ci.vol19n39.5132>
- Dantas, M. A., Brito, D. V. C., Rodrigues, P. B. & Maciente, T. S. (2010). Avaliação de estresse em policiais militares. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 12(30), 66-77. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872010000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000300006)

- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (6a ed.). Cortez.
- Dejours, C., Dessors, D., Desrioux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104. <http://www.scielo.br/pdf/rae/v33n3/a09v33n3>
- Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. (2015). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (BETIOL, M. I. S., Trad.). Atlas.
- Facas, E. P. (2013). Prazer-sofrimento no trabalho: a abordagem psicodinâmica do trabalho. In V. L. D. C. Schlindwein (Org.), *Saúde mental e trabalho na Amazônia: Múltiplas leituras sobre prazer e sofrimento no trabalho* (cap.3, pp. 40-53). Edufro.
- Ferreira, L. B. (2016). Mesmo com o sacrifício da própria vida: Vivências de prazer e sofrimento do trabalho entre policiais militares do DF. [Dissertação de mestrado]. Universidade de Brasília. Brasília, DF. [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_ac25525df0e5a01184acd409ac49fca1](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_ac25525df0e5a01184acd409ac49fca1)
- Ferreira, J. B. (2013). Real do trabalho. In: Vieira, F. O., Mendes, A. M. & Merlo, A. R. C. (Orgs.) *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho*. Juruá editora.
- Fonseca, D. M., Silva-Oliveira, M. & Silva-Naves, R. J. (2014). A organização do trabalho e os riscos psicossociais na Polícia Militar do Distrito Federal. Pós-Graduação Lato Sensu em Psicodinâmica do Trabalho. [Monografia de especialização]. Universidade de Brasília. Brasília, DF. <http://bdm.unb.br/handle/10483/9780>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. São Paulo. <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2018). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018*. São Paulo. <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%ABblica-2018.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2017). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017*. São Paulo. [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf)
- Lima, F. P., Blank, L. G. & Menegon, F. A. (2015). Prevalência de transtorno mental e comportamental em policiais militares/SC, em licença para tratamento de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 824-840. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002242013>
- Liz, C. M., Silva, L. C., Arab, C., Viana, M. S., Brandt, R. Vasconcellos, D. I. C & Andrade, A. (2014). Características ocupacionais e sociodemográficas relacionadas ao estresse percebido de policiais militares. *Rev. Cub. Medicina Militar*, 43(4), 467-480. [http://bvvs.sld.cu/revistas/mil/vol43\\_4\\_14/mil07414.htm](http://bvvs.sld.cu/revistas/mil/vol43_4_14/mil07414.htm)
- Lhuillier, D. (2011) Filiação teóricas das clínicas do trabalho. In: Bendassolli, P. F. & Soboll, L. A. P. (Orgs.). *Clínicas do trabalho*. Atlas.

- Lopes, E. M. C. & Leite, L. P. (2015). Deficiência adquirida no trabalho em policiais militares: significados e sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 668-677. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p668>
- Machado, C. E., Traesel, E. S. & Merlo, A. R. C. (2015). Profissionais da brigada militar: vivências do cotidiano e subjetividade. *Psicologia Argumento*, 33(81), 238-257. <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.33.081.AO02>
- Magalhães, J. D. M. (2015). *Entre amarras e possíveis: atividade de trabalho e modos de viver dos policiais militares capixabas em análise*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2965>
- Matheus, L. C.; Silva, P. H. (2014). O herói e o desviante: medo e euforia no noticiário policial. *Intexto*, 31, 142-161. <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/49127/32204>
- Mendes, A. M. & Muller, T. C. (2013). Prazer no trabalho. In.: Vieira, F. O., Mendes, A. M. & Merlo, Á. R. C. (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 289-307). Juruá.
- Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D. & Oliveira, R. V. C. D. (2011) Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro (RJ, Brasil). *Ciênc. saúde coletiva*, 16(4), 2199-2209. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000400019>
- Miranda, D. (2016). *Diagnóstico e prevenção do comportamento suicida na polícia militar do Estado do Rio de Janeiro* (1 ed.). Mórula Editorial.
- Miranda, D. (Org). (2016). *Por que policiais se matam? Diagnóstico e prevenção do comportamento suicida na polícia militar do Estado do Rio de Janeiro*. 1 ed. Mórula.
- Müller, D. Z. (2012). *Uma polícia especial: possibilidades de prazer no trabalho dos policiais militares do pelotão de operações especiais*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. <http://hdl.handle.net/10183/55426>
- Oliveira, P. L. M. & Bardagi, M. P. (2010). Estresse e comprometimento com a carreira em policiais militares. *Boletim de psicologia*, 59(131), 153-166. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432009000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000200003)
- Oliveira, K. L. & Santos, L. M. (2010). Percepção de saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. *Sociologias*, 12(25), 224-250. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222010000300009>
- Organização Mundial da Saúde. (outubro de 2006). Constituição da Organização Mundial da Saúde. *Documentos básicos, suplemento da 45ª edição*, [http://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_sp.pdf](http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf)
- Paulino, F. R., Lourinho, L. A. (2014). O adoecimento psicológico do policial militar do Ceará. *Rev. Trabalho e Sociedade*, 2(2), 58-77. <https://pt.scribd.com/document/278287673/o-Adoecimento-Psicologico-Do-Policial-Militar-Do-Ceara>

- Ribeiro, A. (2019). Suicídio de policiais supera mortes em operações no país. *O Globo*, 1-3. <https://oglobo.globo.com/brasil/suicidio-de-policiais-supera-mortes-em-operacoes-no-pais-aponta-relatorio-23950319>
- Rodrigues, C. S., Oliveira, B. N. & Silva, A. L. F. (2015). Saúde do trabalhador e qualidade de vida: experiência em um batalhão de polícia comunitário do sertão cearense. *Motrivivência*, 27(44), 142-149. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n44p142>
- Sales, L. J. M. (2013). *Medo e sofrimento social: uma análise das narrativas de policiais militares em atendimento clínico*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE, Brasil. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7932>
- Santos, V. D.; Candeloro, R. J. (2006). *Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. AGE Ltda.
- Silva, M. B. & Vieira, S. B. (2008). O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. *Saúde e Sociedade*, 17(4), 161-170. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000400016>
- Souza, E. R., Minayo, M. C. S., Silva, J. G. & Pires, T. O. (2012). Fatores associados ao sofrimento psíquico de policiais militares do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 28(7). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000700008>
- Turte-Cavadinha, S. L. (2016) *Violências, relações de gênero e poder: efeitos do trabalho sobre subjetividades e saúde mental de policiais militares*. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne220>

